

Minas Gerais

Mulheres do Vale do Jequitinhonha: estratégias de sobrevivência rural e urbana no Semiárido

Salene dos Santos, aos 67 anos, vive a realidade de ser mãe, trabalhadora rural e quilombola em Jenipapo Pintos, no município de Itinga em Minas Gerais. Crescida em um contexto de recursos limitados, suas brincadeiras de infância com bonecas de espiga de milho são uma lembrança viva do uso criativo dos recursos naturais disponíveis.

Desde cedo, Salene ajudava os pais no roçado, uma prática essencial para manter a posse da terra e garantir a subsistência da família. Sob a rigorosa supervisão do patrão, esse trabalho intensivo, das seis da manhã às seis da tarde, era parte da luta diária para permanecer na terra.

Recentes avanços, como a chegada do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), promovendo o acesso à alimentação e incentivando a agricultura familiar, e as chegadas das tecnologias, como cisternas para captação de água de chuva têm sido cruciais para adaptar-se às condições do semiárido, melhorando a qualidade de vida da região.

Iniciativas como as da Associação das Mulheres Organizadas do Vale do Jequitinhonha (AMOVAJE) têm transformado a vida de Salene e de muitas outras mulheres, contribuindo para a promoção de técnicas agrícolas adaptadas ao Semiárido, incluindo a construção de cisternas, atividades estas promovidas em colaboração com a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA). Esses recursos não apenas melhoram a produtividade, mas também garantem uma alimentação segura e sustentável para as famílias.



Salene no roçado



Salene cuidando das hortalias e plantas medicinais



Encontro de mulheres da AMOVAJE

“Há um tempo houve uma oficina sobre construção de canteiro econômico que foi muito interessante para nós que vivemos no Semiárido e convivemos com a escassez de chuvas. Essa oficina foi organizada pela AMOVAJE”, afirma Salene.

Dona Maria Marlene, tesoureira da AMOVAJE, com 70 anos, é também um testemunho do impacto da associação. Ela participa ativamente nos cursos oferecidos pela AMOVAJE, que incluem conhecimento sobre plantas medicinais e a produção de remédios caseiros. A implementação de "farmacinhas" comunitárias, por exemplo, é uma resposta direta às necessidades de saúde da comunidade, reduzindo a dependência de serviços médicos externos e promovendo o bem-estar no Semiárido.



Maria Marlene em seu roçado



Mulheres da AMOVAJE no Quilombo Arraial dos Crioulos dialogando sobre violência contra as mulheres

“A chegada da AMOVAJE foi muito importante pra nós mulheres. A AMOVAJE é um tronco e as pequenas associações são os galhos. A AMOVAJE levou à gente a ligação a outros grupos somando umas com as outras. Ela nos ajudou bastante em realizações de cursos, conhecimento de plantas medicinais por meio das visitas em chapadas, apoio na comercialização nas feiras e implementação da farmacinha comunitária para produzir os medicamentos”, afirma Maria.

Com o suporte da AMOVAJE, as mulheres no Vale do Jequitinhonha tornam-se protagonistas em suas comunidades, utilizando os conhecimentos adquiridos para impulsionar a geração de renda e melhorar a qualidade de vida de suas famílias. O fortalecimento do empoderamento feminino e dos direitos sociais são pilares que a AMOVAJE reforça continuamente.

A AMOVAJE continua a expandir suas atividades por todo o Vale do Jequitinhonha, apoiando a economia popular solidária e fomentando o diálogo sobre empoderamento feminino e direitos sociais, sempre com foco na sustentabilidade e convivência com o Semiárido.